



## DEGRAVAÇÃO DO PROCESSO DE N°017/2.08.0001861-8

### Legenda:

- J- Juiz
- MP- Ministério público
- D- Defesa
- T - Testemunha
- V- Vítima

### Inquirição da vítima:

MARIELIZE TEREZINHA LAUXEN DÖRR

Já qualificado nos autos

J- Dona Marielize, a senhora figura então como vítima nesse processo que seria da prática do crime de estupro e roubo, também figura como vítima a sua filha. Como se deu esse fato, a senhora poderia nos relatar?

V- Foi assim ó, era o dia do meu aniversário, daí a gente foi jantar com as minhas filhas e as minhas irmãs, nós chegamos em casa 11 horas e 3 minutos. Eu fiquei nos fundos da sala arrumando os meus presentinhos e a Luisa entrou. E daí eu entrei eu acho que por volta de 11 e 15, 11 e 20, pra ir pros quartos né, que quando eu passo assim entre os... tem os quartos e tinha um banheiro da minha filha, da Luisa. Eu olhei e vi uma toalha no chão, molhada. Eu gelei, porque nós tinha tomado banho sabe e tava... não tinha (inaudível) nenhuma, uma toalha arruada no chão. Eu viro o olho pro quarto da (inaudível) estava desligado, daí ela me chamou. Ela disse: "Mae, vem cá". Eu disse: "Fala Lú". Ela disse: "Mae, não faz nada, é um assalto". Daí ele tava parado entre a porta e o cabideiro, com uma faca desse tamanho, ele tinha abordado... daí ele já tinha (inaudível) a Luisa né. Com a faca no pescoço ele disse assim: "Surpresa". Esse foi o termo que ele usou com a minha filha. Daí



388  
300  
C

depois disso ela me chamou né, até aí eu não sabia de nada. Então (inaudível) uma faca, daí ele tentou (inaudível) no meu banheiro, tirou todas as chaves dos quartos, tentou me levar no banheiro, daí eu disse pra ele assim: "Moço, eu só te peço uma coisa, pode levar tudo, mas não mata mais". "Não, não", dizia ele: "Não vou matar, não vou matar". Aí ele quis me trancar no banheiro, nisso eu chaviei por dentro, daí ele veio pro quarto da minha filha. Daí ele veio assim com tudo pronto né, uma... como é que eu vou dizer, aquelas fitas largas, transparente, bem largas, uma fita adesiva, sei lá o que era aquilo, que ele puxava que cortava com a faca (inaudível), eu tive que tirar (inaudível) tudo, menos a roupa. Daí ele me amarrou todas as perna, até a metade do joelho, toda amarrada. Os braços, muito firme, acho que ele passou umas dez vezes aquela fita larga, eu tinha que ficar com o rosto em cima do colchão. Ele disse: "Tu não te meche". E todo hora ele vinha olhar pra ver se eu tava na mesma posição e o meu coração quase... bom, eu quase enfartei. E até aí tava dentro do quarto, aí ele vinha pro meu quarto e passava pro quarto da Luisa. E daí lá pelas tantas assim... eu não sei, porque eu não tenho noção do tempo né, daí ele levou a minha filha pro meu quarto, a Luisa passou por mim, eu só disse... eu não consegui mais ver ela, porque os quartos interferem né. Ela disse: "Mãe, eu te amo". E levou ela pro meu quarto, (inaudível). E daí assim ó, daí ele... como é que eu vou te dizer, quanto tempo levou... vai dizer meia hora, 15 minutos, você não tem a noção da coisa né, não posso dizer tempo determinado, eu só sei dizer assim ó, que foi mais de meia hora. Eu sei que a Luisa se virou, um ataque de asma, ela pediu água. Ela disse assim: Eu sofro de asma e preciso de água se não eu vou morrer. E daí ele disse: "Luisa, vamo tomar água do banheiro da tua mãe". "Não, não, não. Vai pra cozinha, preciso de água, preciso de um copo". E nisso ela conseguiu se soltar, a mão e arrebentou a fita dos olhos, da mão, como (inaudível) um animal, psicopata mesmo. E daí ela conseguiu se soltar e veio assim... que



eu só me lembro assim que ela veio um risco pro meu quarto, aí ela disse: "Mãe, te solta que ele vai (inaudível), porque (inaudível)." Daí ela conseguiu se soltar, eu deitada, eu disse: "Luisa, como vou me soltar?". Que tava muito amarrado. Aí ela disse: "Mãe, te solta, mãe, te solta". Aí ela se jogou contra a porta, dai tinha um móvel assim ó, que ela conseguiu ficar isso aqui ó, entre a porta e o móvel e o cara com a faca atrás, empurrando a porta. Ela dizia: "Mãe, te solta". E eu deitada na cama do outro lado né. Se eu vou te dizer como eu me joguei lá... eu simplesmente me joguei. Quanto eu mais me tentava me soltar, mais aquilo virava (inaudível), eu disse, um filme de terror. E dai eu disse: "Agora tu vai na janela e grita por socorro". E dai ela começou... essa menina gritou tão desesperada, eu acho que uns 10, 15 minutos no minimo, até que alguém ouvir, porque era meia noite, todo mundo ta dormindo e daí o vizinho do lado escutou a Luisa. "Luisa, calma" Ela só gritava: Ela ta de faca, ele não ta de arma, ele ta de faca".

J- E a porta, como é que (inaudível)?

V- Daí eu me tranquei com a... dai a Luisa saiu, eu me joguei até a porta e dai eu fiquei com as pernas entre um móvel muito pesado, que foi a nossa sorte... e a porta.... sabe, daí ele empurrava e vinha, tu sentia que a porta ia abrir, mas nós orávamos tanto eu e a Luisa, tanto a Deus, pra ele ajudar, nos der força pra manter fechada. Eu acho que ele tava muito drogado, se não teria se jogado contra, ele não teve pensamento de vim... porque dai (inaudível). Eu só sentia que ele chutava e tentava entrar e quando ele ouviu assim a voz do nosso vizinho, que era o dono do.... o gerente do Sicredi, ele disse assim: "Calma Luisa, to indo ai". Daí ele ouviu alguém falar, aí ele recuou. Aí eu disse: "Luisa, não vamos fazer nada, vamos ficar esperando, ele pode estar escondido". E daí nós esperamos um minuto, aí ele voltou pra porta, sabe, porque a gente não tinha ido embora e depois ele sumiu, quando o vizinho tentou entrar. Só que eu não sei até ali... assim ó, porque dai veio



um vizinho, veio outro, só que quando ele escutou a voz, ele saiu pela porta da frente, pulou a grade, como ele entrou, pelo vizinho, subindo o da minha, do Clécio e foi embora. E daí eu sei assim ó, que nós temos guarda que cuida da nossa rua, eles viram aquela moto abandonada, isso também tava no depoimento. E essa moto sumiu depois do cara ter ido embora.

J- Eles viram essa moto abandonada em que momento?

V- Como é que eu vou te dizer... assim ó, que o guarda ouviu os gritos da Luisa também sabe e a gente logo pediu pro guardinha... nós não, o pessoal que veio pedindo pro guarda: "Não viram ninguém correndo, não sei o que?". "Não, nós vimos uma moto estacionada, uma Bis preta, na casa de fulano, fulano". Inclusive o inspetor aqui da Policia, o Paulinho, que tava cuidando do nosso caso, que nos ajudou muito inclusive, ele mostrou no dia também a moto, eu reconheci ela. E assim, como é que eu vou dizer... tinha um comparsa junto, porque eu vi os dois caminhando as seis horas da tarde, na frente da minha casa. Esse cara eu identifiquei ele pelo jeans, que ele tava usando uma calça jeans, um moletom vermelho com branco, com capuz e o comparsa dele tava de jeans e moletom bege. Eu tava sentada na frente de casa, era umas 6 horas, os dois passaram, seguido eu vi eles passar e sempre te olhando sabe, como quem diz "nós tamo te cuidando". Só que a gente não vê perigo em nada. Eu vi ele exatamente passando assimó, com muita calma, olhando e eu sentada na frente de casa, com a minha cachorrinha, como eu faço todo dia. Eu vi ele calmamente, as seis horas da tarde. E ai a minha vizinha, que também deu depoimento, que eu chamei ela, porque ela ia caminhar, ela olhou pros dois e achou eles muito mal encarados. Eles pararam, olharam, como quem diz: "é hoje". Daí ela fez meia volta e foi embora, não quis (inaudível).

J- E essa roupa que ele usava, o jeans e o moletom vermelho, era o mesmo que ele usava dentro da sua casa?



V- Sim. De noite, eu olhei pra ele e me lembrei exatamente da roupa do cara que passou na rua, exatamente.

J- E as seis horas era dia claro ainda?

V- Era claro, porque era maio, era aquele verãozinho de maio, não escureceu que nem agora no inverno.

J- Essa é a descrição da roupa. E ele, como pessoa, é moreno, claro?

V- Ele tem assim uma pele suja, eu digo, não é negro, uma cor de sujeira e tem o rosto.... o queixo magrinho, uma boca meio carnuda, os dentes bonitos, uma voz meio roca... é que ele não permitiu a gente olhar pra ele, mas quando ele me abordou, eu olhei sabe e tu não esquece uma imagem.

J- Cabelo não?

V- Cabelo pretinho, meio ondular ele era.

J- De que altura?

V- Uma pessoa magra, um metro e setenta... eu não posso te dizer a altura, ele era um cara alto, magro, muito magro ele é. Olhos castanhos e mais eu não posso dizer, porque assim, ele tava de moletom. Eu me lembrei muito dessa descrição da faca, quando ele me abordou, a cor né, porque daí eu tava com a luz ligada, no quarto da Luisa tinha desligado a luz, então tu não tinha assim a noção nítida dele, mas eu olhei pra ele.

J- E as seis horas, quando a senhora viu ele passar, a senhora estava sozinha tomando chimarrão?

V- Eu e a minha cachorrinha.

J- E aí a senhora permaneceu em casa até a hora de sair e foi jantar fora?

V- Sim. Daí eu esperei a minha filha e minha irmãs, que a gente combinou de se encontrar na casa que eles tinham em Arroio do Meio, aí eu a e Luisa nós saímos era... acho que era... não sei se era 15 pras 8 ou oito, uma coisa assim né, que a gente tinha marcado.



3  
3  
3

J- Voltaram 11 e...

V- E 3. Nós voltamos 11 horas, eu nunca olho no relógio, aquele dia eu olhei, muito engraçado, porque a gente trabalha cedo né, (inaudível) dormir muito cedo. Eu pensei: "Bah, vou (inaudível) amanhã no meu horário". Daí eu olhei pro relógio, 11 horas e 3 minutos. E uma coisa que nós chamou a atenção assim ó, a nossa cachorra, quando a Luisa entrou, ela avançou na Luisa, ela deu um sinal, só que nós não (inaudível) imaginar.

J- E como é que ele entrou na casa?

V- Ele tentou assim ó, entrar pela sala, ele quebrou uma janela, mas como eu tinha sondado, não tinha como abrir. Quebrou os vidros, aí ele foi pelo (inaudível), quebrou todos vidros, entrou dentro do (inaudível), é o banheirinho onde é o banheirinho da minha "tata" e ela chaveia por fora, ele não teve como entrar. Ai ele foi pelo telhado, pelo poço de luz, três metro e lá vai de altura e a minha janela do banheiro tava aberta, que a gente deixava pra ventilar, porque nunca imaginei que um dia um bandido, alguém ia entrar numa altura assim muito alta, eu só não sei até hoje como ele conseguiu entrar, porque é muito alto. A minha janelinha, aquelas vasculante sabe, eu não sei como ele entrou, eu sei que eu tinha um pé de flor, derrubou tudo e conseguiu. Porque a Polícia na noite veio né, tava a folhagem do lado... e entrou pelo meu banheiro, porque era o lugar que tinha luz ligada. Agora, como ele desceu, eu não posso te falar.

J- Tavam só vocês duas?

V- Só eu e a Luisa. O Paulinho assim ó, o meu ex-marido almoça conosco todo dia, mas não dorme mais em casa né. Então eu e a Luisa tava sozinhas assim muito tempo, isso que nós fomos também assaltadas dia 5 de abril.

J- Entraram na casa?

V- Não, pertinho da nossa casa. Eu sempre digo pra Luisa, eu tenho quase certeza que são os mesmos caras. Tudo fecha. Tudo,



31/08

tudo, tudo, porque eles levaram tudo de mim aquela noite. Assim ó, quando ele falou: "Eu não vou matar". Então as vezes identifica pela voz, aquilo me chamou muita a atenção, aquela voz rouca dele, quando ele gritava pra mim: "Me da a bolsa! Me da a bolsa!". E a arma no pescoço da Luisa, na cabeça da Luisa, umas quatro casa abaixo da nossa, dia 5 de abril foi. Aí ele levou todas as minhas coisas pessoais, tudo. Eu tinha coisa do Paulinho, quando ele foi vereador a primeira vez, as fotos dele, da minha filha, da Michele, tudo ele sabia. "Eu não me importo se tu é filha do Paulinho, filha do vereador". Ele (inaudível) de 900 reais, meu celular...

J- Nesse dia aqui?

V- Não. Isso no dia 5 de abril. Meu celular, meu ray-ban, todos os meus documentos, minha bolsa, meu caderninho de anotações, que toda mulher tem e todos os meus documentos tudo.

J- E nesse dia agora, o quê que levaram da sua casa?

V- Nesse dia ele levou o Not Book da Luisa, o ray-ban, o celular que ele tirou na hora, já tinha mochila no chão da (inaudível). Ele já tinha recolhido as coisas que ele queria. Depois ele pegou celular e 70 reais em dinheiro da Luisa. Então ele levou um ray-ban, um perfume, o Not Book, o MP3, acho que (inaudível) que escuta musiquinha e um relógio que eles não devolveram pra nós ainda. E ele falou que tava um comparsa dele, que também pegaram, que ele ta com o relógio. O vestidinho gente, eu lembro assim depois sabe, no dia tu não te da conta de tudo. O vestido verde, tava faltando o bracelete que a Luisa usava e o brinquinho lá de pérola. Isso até hoje assim não apareceu, mas a gente foi vendo aos poucos sabe. E também levou calcinha, mas isso a gente viu só depois, tu não vai escrever na hora, tu nem tem cabeça pra lembrar de tudo né.

J- E a situação com a Luisa, ele efetivamente estuprou ela?  
O quê que aconteceu?

V- Estuprou duas vezes.



374  
8

J- A senhora ouviu alguma coisa?

V- Não, porque ele fechou a porta. Mas quando ela veio assim correndo do meu quarto, eu só me lembro de uma cena que eu nunca mais.... eu vou morrer e não esqueço, quando ela tava com a aquela fita enorme, só com um olho de fora, pelada, com um casaquinho, toda cortada. Eu só pedi assim: "Luisa, ele te estuprou?". "Sim". Então assim, uma coisa assim que me chocou sabe e ela não podia falar nada, que daí ele ameaçava e matava. Eu não ouvi grito nenhum, não ouvi choro, não ouvi nada.

J- A senhora fez referência ao tamanho da faca e não ficou consignado, o quê que a senhora acha?

V- Assim ó, uma faca desse tamanho.

J- 40 centímetros isso?

V- É aquelas facas assim ó, eu lembro até hoje, eles usam isso muito em acampamento, que tem aquelas serrinha em cima. Parecia um filme de terror.

J- Pelo Ministério Público.

MP- A senhora referiu que ele lhe apalpou, mas ele lhe apalpou assim com a intenção de lhe revistar ou ele lhe apalpou pra lhe humilhar mesmo?

V- Não, eu acho que foi ai mais pra revistar. Porque ele pegou assim ó, passou a mão assim em todo o meu corpo, mas eu senti assim... ele ia me estuprar também, eu tenho quase certeza, porque ninguém vem de cara limpa pra fazer o que ele fez. Então assim, nesse momento que quando ele pegou e me apalpou, foi pra ver se tinha dinheiro ou alguma coisa, que eu tava sem a minha bolsa, que tinha ficado no quarto da Lu, amoleci, deixei cair tudo né. Eu acho que ai foi a intenção dele pra ver se tinha alguma nos bolsos.

MP- A senhora disse que viu passar um outro elemento com ele na frente da casa, por volta de 18 horas, como é que era esse outro elemento?



V- Esse outro cara assim, era um cara mais gordinho, ele tem um cabelo preto, ele tem olhos castanhos e a pele dele é mais clara. Só que ele é mais gordinho que o Israel.

MP- Mais ou menos na mesma altura?

V- Acho que o Israel é um pouco mais alto. O Israel era mais alto e esse outro é o tal de Jacson, que é o comparsa dele, ele era mais baixinho. Também não é assim um menino baixo, como é que eu vou dizer... um menino alto, mas mais baixinho, não é tão magro quanto o outro.

MP- Nas mãos a senhora chegou a reparar alguma tatuagem?

V- Não.

MP- Eles não tinham tatuagem?

V- Nenhum. Porque ele tava de moletom até aqui, então a gente só viu a mão.

MP- Nada mais.

J- Pela defesa do Israel.

D- A fita que teria sido utilizada nesse dia, ele encontrou ela na casa?

V- (inaudível).

D- tinha já uma fita dessas com ele?

V- Tudo, tudo...

D- A senhora lembra onde ele pegou essa fita?

V- Ele tinha no bolso.

D- A senhora tem que responder no microfone.

V- Eu acredito assim ó, que ele trouxe tudo na mochila né, como é que eu vou dizer assim ó, eu vi ele com a fita na mão, se ele tirou do bolso... porque nós não usamos em casa né.

D- Não foi na casa da senhora que ele pegou então.

V- Não, não. E a gente não tinha esse tamanho de faca, só tenho faca de churraco, tanto é que eu botei tudo no lixo, de trauma de faca.



D- Essa faca a senhora poderia dizer se era tipo a que o Rambo utilizava? Tipo essas de exército assim?

V- Ela era assim ó, ela era deste tamanho, uma lâmina bem afiada. Eu olhava pra aquela ponta e eu pensei: "Ele vai me matar, vai me perfurar".

D- Parecia uma arma de caça?

V- É isso aí. Daí tinha assim...

D- Bem dizer em cima, não no fio?

V- Não, em cima.

D- A serrinha era em cima da faca?

V- É mais ou menos isso aí que eu to imaginando. Ela era cinza, com o cabo cinza.

D- A senhora lembra se essas fitas que ele teria utilizado pra amarrar vocês, quê que foi feito dessas fitas, foi entregue na Polícia?

V- Foi. A perícia veio buscar, tanto é que acharam um pedaço bem... que eles acharam muito importante, que ele jogou no canto da cama, onde é que eu tava amarrada, pedaços então... que eu enrolei aquilo, eles levaram boa parte, outros foi pro lixo né...

D- Mas a Polícia a senhora lembra de ter recolhido?

V- Sim. Ele deixou assim ó, (inaudível) ele andou se cortando do lado de fora, a gente tirou... como é que eu vou dizer... deixou várias (inaudível), que dava pra fazer perícia muito bem feita. Em todos os lugares que ele foi ele (inaudível). Era sangue num, era janela da entrada...

D- Essas a Polícia não recolheu?

V- Todas elas?

D- Também foram recolhidas com perícia?

V- Sim.

D- Foi feito o exame da digital?

V- Foi. O quê que mais a perícia levou.... ah... da colcha também, um pedaço né, que ele estuprou minha filha...



D- A senhora não lembra mais ou menos assim o rosto da pessoa, como é que era essa pessoa que teria feito o estupro, como é que era a sobrancelha, se tinha algum corte no rosto, alguma cicatriz, a senhora lembra alguma coisa nesse sentido assim?

V- Não.

D- Não aparentava ter cicatriz alguma?

V- Não tinha cicatriz.

D- E as sobrancelhas eram grossas, finas, a senhora lembra?

V- Como é que eu vou te dizer, eu olhei pra ele... não tem como guardar muito, porque ele não permitiu assim. "Baixa os olhos, baixa a cabeça!". Ele gritava. Então foi num relance assim que eu olhei... como é que eu vou te dizer... a sobrancelha dele é uma sobrancelha...

D- Não, não tem problema, se a senhora não sabe não tem problema.

V- Eu não me lembro né.

D- A sua filha ela chegou junto com a senhora nesse dia?

V- No carro comigo.

D- E ai ela foi pro quarto e ai depois que a senhora soube da abordagem lá dentro?

V- Sim.

D- Nada mais.

J- Pela defesa do Jacson.

D- Ela referiu que ela chegou a ver a motocicleta ou que teriam contado pra ela. Quando foi que ela viu essa...

V- Quem contou pra nós foram os guardas noturnos.

D- mas a senhora não chegou...

V- Inclusive eles foram chamados.

D- Mas a senhora não chegou a ver a motocicleta?

V- Não, porque a gente tava dentro de casa né.

D- Nada mais.

370  
ll

J- Nada mais.

**Sala de reconhecimento**

J- Realizado o reconhecimento, previamente identificado, com o número 6, Israel de Oliveira Pacheco, com o número 7, Jacson Luis da Silva e com o número 8, Jamir Tadeu dos Santos. A vítima excluiu a possibilidade de ser aquela pessoa identificado pelo número 7, ficando em dúvida entre o 6 e o 8, afirmando que a sua dúvida na verdade recaiu mais sobre Israel, ou seja, Israel teria mais probabilidade de ter (inaudível) o autor do delito, identificado com pelo número 6. Mais algum...

V- Eu acho que o 6... como é que eu vou dizer, o 6 eu tenho a impressão que é o Jacson, que é aquele outro marginal que ta ali.

J- Bom, a senhora excluiu o número 7?

V- O 7 não tem nada a ver, esse assim não me diz nada.

J- Ficou em dúvida entre o seis e o 8. Afirma que eles modificaram...

V- Tudo. Tudo.

J- ...algum sinal, como um bigode que usavam, não usam mais?

V- Um bigodinho, um cabelo comprido assim, onduladinho preto. Olha, se eu posso assim dizer... não é voltar a trás, mas a impressão é que aquele... o 6 era aquele que tava junto com ele na noite, que tavam passando, o Jacson. Eu não sei se o Jacson ta aqui.

J- O 6...

D- ...Ou por nome ou por número.

J- Vamos nos fixar nos números. O 6...

V- É que assim ó, o 6 eu tenho a impressão que seja o comparsa dele.

C



377  
PL

J- Que teria passado na frente da sua casa, no final da tarde?

V- Assim ó, pela altura e era mais cheinho e o Israel era magro.

J- O 7 a senhora afasta?

V- O sete...

J- E o 8?

V- Eu to entre o 8 e o 6. O do meio não tem nada a ver, na minha opinião. Porque assim ó, mudou tudo, de cabelo comprido, cabelo curtinho, bigode não ta mais tão moreno....

D- Só mais uma consideração aqui. Cabelo comprido que a senhora refere, é perto do ombro? Chanel a senhora fala?

V- Não, mais curtinho, cabelo jogadinho assim ó...

D- Mas bastante comprido?

V- Não. Comprido não, ele era até aqui ó.

D- Cumprido que eu digo, mais de 10 centímetros de cabelo?

V- Sim, cabelo bem preto e o Jacson que tava com ele, também tinha o cabelo mais escurinho, só não tão preto que nem ele. E o Jacson tem o formato daquele número seis, mais gordinho assim. Só que (inaudível) tinha olhos castanhos e o primeiro assim tem olhar... sei lá.

D- Nada mais.

J- A senhora fala muito em nomes a senhora retira esses nomes da onde? Da investigação policial?

V- O Jacson sim.

J- Nada mais.

C

Inquirição da vítima:

LUISA LAUXEN DÓOR

Já qualificado nos autos

J- Luisa, vamos ver se você consegue nos contar como se deu esse fato, na sua casa, em que você teria sido vítima de um estupro e que também teria sido praticado roubo lá, em razão (inaudível) que estavam na tua residência. Como aconteceu?

V- A gente saiu pra jantar no aniversário da minha mãe, lá em Arroio do Meio né. E quando a gente chegou em casa... eu sempre chego antes, vou lá dentro do meu quarto, aí eu ia ligar o computador, daí antes disso eu entrei e vi as luz da casa acesa, eu achei meio estranho assim, do banheiro até, mas nem dei muita bola, porque eu costumo as vezes deixar acesa mesmo. Daí eu fui no banheiro, daí eu entrei no meu quarto, daí atrás da porta ele tava me esperando né. Daí eu entrei, ele colocou a faca aqui no meu pescoço e falou assim: "Surpresinha". Daí ele pediu pra mim sentar na cama e pediu com quem eu tava, daí eu disse que eu tava com a minha mãe, daí ele pediu pra mim chamar ela. Daí eu chamei ela e ela achou meio estranho também né, luz apagada, na cama daí eu disse: "Mãe, é um assalto". Pra ela ficar mais calma né. Daí ela entrou, ele colocou ela sentada do lado da cama comigo e queria prender... depois ele levou ela pro banheiro, queria prender ela no banheiro, só que o banheiro não chaveia por fora né, só por dentro, então ele levou ela pro quarto da minha irmã, que fica ao lado do meu. Daí eu acho que nesse momento ele amarrou ela, as mãos assim e as pernas e deitou ela na cama.

J- Enquanto isso acontecia você estava no seu quarto?

V- Tava no quarto. Só que ele ficava olhando assim, pra ver o que eu ia fazendo, aí nesse meio tempo eu vi o rosto dele né.

J- E ele já tinha te amarrado?



V- Ainda não. Daí eu vi ele viu... eu vi o rosto dele, ele pediu pra mim parar de olhar pra ele, daí eu parei, mas eu queria ver o que ele tava fazendo né. Daí nesse meio tempo ele pegou, amarrou meus olhos, vendou meus olhos com aquelas fitas crepe larga e me levou pro outro quarto. Daí o quarto da minha mãe é um quarto de casal né, daí ele me amarrou as mãos assim também, só as mãos, os pés não e daí...

J- A tua boca fechou não?

V- Não, a minha boca não. Daí eu fiquei perguntando se ele queria alguma coisa, ele disse que, que ele já tinha pego tudo. Daí que eu me lembrei que eu vi uma mochila assim, do lado da minha cama, já tava com tudo pronto né, tava só nos esperando. Daí ele perguntou até porque que eu tinha demorado tanto pra chegar em casa, dai eu disse que eu tava no aniversário da minha mãe, eu perguntei se ele queria que eu ligasse pro meu pai, daí ele disse que não. Daí ele falou até: "Teu pai é um merda, não precisa ligar pra ele". E dai eu não discordei, não fiz nada, só concordava. Daí então que ele tentou começar a tirar a minha blusa, só que eu tava com um casaco, que ele tinha os botões meio difícil de abrir. Com uma faca então ele começou a cortar a minha blusa por baixo, com uma faca e conseguiu cortar a blusa e o sutiã, porém, o casaco ele não conseguiu tirar, que tinha os botões né, cortou só um pedaço aqui. Daí ele tirou, me deixou com casaco, tirou as minhas calças, essa bota até eu tava usando, tirou ela e tirou só a parte de baixo da roupa dele, só a calça. Só que ele tava broxa né, daí ele não conseguiu penetrar tanto como ele queria né. Daí nesse meio tempo eu falei que eu tinha asma, que eu tava passado mal e que eu precisava de um pouco de água, com medo que ele fosse fazer isso com a minha mãe depois né. Daí ele foi no banheiro e queria... no quarto dela tem banheiro né...

(Nesse momento a vítima chora)



J- Pode acalmar, fica tranqüila, a gente ta aqui na verdade tentando esclarecer essa situação. A tua mãe ta aqui, aqui o promotor de justiça, os dois advogados. Então te acalma, vamos ver se a gente consegue chegar adiante. É bom que você traga maiores detalhes né, que a gente possa investigar isso e esclarecer o quê que aconteceu efetivamente.

V- Daí ele tentou me trazer água assim, daí eu disse que não, sabe, tava presa. Ele até me viu que eu tava tentando me soltar, ele tentou me trazer água assim, daí eu disse que não, precisava...

J- Água nas mãos dele.

V- Daí eu disse que não, que precisava de um copo. Daí nesse meio tempo ele foi buscar o copo pra mim na cozinha, eu me soltei os braços e (inaudível) um pouco assim... fui correndo pro outro quarto...

J- Onde tava a tua mãe? E ai conseguiste entrar no quarto?

V- Daí eu entrei no quarto, fechei a porta e tinha um móvel na frente assim, tinha só espaço pra abrir a porta né. Eu botei meus pés e fiquei com as costas assim, pra apoiar, pra ele não conseguir abrir. Daí nesse meio tempo ele voltou, ele tentou abrir ainda, a porta abria um pouco...

J- Você apoiou as costas na (inaudível)?

V- Isso.

J- E botaste os pés no móvel?

V- Isso. Eu pedi pra minha mãe se soltar, ela conseguiu se soltar e me ajudou né, a segurar. Daí ele ameaçou, ele disse que ele ia voltar, não sei o que.

J- E ai ele ficou do lado de fora porta ameaçando vocês?

V- É. Daí depois a minha mãe ficou segurando a porta sozinha, quanto que eu fiquei gritando na janela. Daí depois vieram os vizinhos. Ele saiu pela porta da frente.



J- A situação do estupro. Você disse que não houve penetração, mas ele tentou?

V- Sim.

J- Ele forçou? Ele usou força contra ti?

V- tentou. Tentou sim.

J- E daí depois, no quarto, ele tentou entrar e não conseguiu?

V- Tentou entrar. Ele conseguiu abrir a porta um pouco assim e a gente fechava de novo. Porque ele tava drogado, então eu não sei se perde um pouco a força. Não sei o quê que acontece.

J- E desses objetos, o quê que ele tirou de dentro de casa?

V- Meu Not Book, meu óculos, meu relógio, perfume, mexeu também nas minhas calcinha, que eu vi depois. Quê que mais... um brinco de prata ele tirou. Eu não notei na hora, mas ele levou o meu MP4 também. Que depois eu vi, mas eu já tinha dado queixa, não tinha notado que tava dentro de um baú. Só que ele levou só coisas minhas, coisas da minha mãe não.

J- E por ocasião, quando ele estava contigo no quarto e te estuprando, tentando a penetração. Por quanto tempo ele ficou nessas condições contigo?

V- Uns 10 minutos, não mais que isso. Eu acho que não durou mais que isso. Não sei também. Tentei fugir, dai eu inventei isso e...

J- E essa faca, que tamanho tinha?

V- Era bem grande assim. Tipo de churrasco assim, nesse sentido, maior assim. Tinha umas serrinhas assim, contra assim, de um lado. Tipo, ela era assim, dai no outro lado tinha umas serrinhas assim...

J- Lado contrário do fio tinha serrinha?

V- Isso.

J- Tinha alguma cor essa faca?

V- Não consegui ver.

(1)



- J- Já tinha visto ele em outra oportunidade?
- V- Não. Primeira vez.
- J- Como é que você descreve ele?
- V- ele é alto, ele é mais alto que eu, eu tava com essa bota, então ele tinha... assim mais ou menos maior que eu, magro...
- D- Qual é... desculpa. Só pra saber a altura dela, pra ficar...
- J- Sim. Qual é a sua altura?
- V- Eu tenho um metro e 68.
- J- Ele tinha mais ou menos essa altura?
- V- Mais alto.
- J- Pode continuar.
- V- E ele tinha um rosto meio fino assim, bem magro aqui, dava pra ver essas partes em baixo do olho bem saltado, tinha uma boca mais carnuda assim e a pele era assim morena assim. Não era mulato, mas não era branco também.
- J- Vestia que roupa na época?
- V- Um moletom de capuz vermelho. Ele escondeu os olhos assim.
- J- Pelo Ministério Público.
- MP- É um detalhe importante, por isso eu vou lhe perguntar. Você no começo referiu que ele não conseguiu como ele queria. Aí depois a doutora perguntou se ele conseguiu a penetração... se ele não queria a penetração. Aí eu te pergunto, ele não penetrou nada, ele só tentou ou você chegou só a sentir pelo menos um pouco da penetração?
- V- Cheguei a sentir um pouco.
- MP- Ele conseguiu pelo menos uma parte?
- V- Sim.
- MP- Chegou a ver alguma tatuagem nas mãos dele, no corpo?
- V- Não, porque tava escuro e ele tava usando capuz né. Ele deixou o moletom, ele tirou só as calças.



MP- Nenhum outro sinal que pudesse identificar ele? Alguma marca, alguma cicatriz?

V- O rosto.

MP- Só o rosto?

V- ...

MP- Nada mais.

J- Pela defesa de Israel.

D- Esse capuz que ele usava, pegava todo o rosto? Deixava o rosto a mostra? Como é que era?

V- Não, era capuz normal, vinha até aqui.

D- Só até as sobrancelhas?

V- É. Aquelas na metade dos olhos assim.

D- Sim. Ele deixava assim caido por cima do rosto.

V- É. (inaudível) um capuz normal.

D- lembra assim se as fitas essas que ele teria utilizado pra amarrar vocês, era dele essa fita ou se ele pegou ali na casa de vocês?

V- Era dele. A gente não tem.

D- Lembra se a Polícia...

V- (inaudível).

D- Lembra se a Polícia depois levou essas fitas pra perícia? Se ela fez ali uma diligência, no sentido de pegar digitais dessa pessoa, foi feito?

V- Sim.

D- Essa pessoa ela parecia conhecer o teu pai?

V- Sim.

D- Parecia que ela conhecia o teu pai?

V- Pelo menos de vista. É que meu pai é vereador né, então...

D- parecia então uma pessoa que morava aqui e conhecia o teu pai? Uma pessoa que convivesse aqui em Lajeado e por isso conheceria o teu pai?

V- Eu acho que não conhece ele pessoalmente...



D- Sim. Mas de vista, de saber que ele é um vereador de Lajeado?

V- Isso sim.

D- Mais ou menos que horas aconteceu isso?

V- Quando a gente chegou era 11 horas.

D- Você lembra de ter visto mais alguém? Ele falava em mais alguém? Ele chegou a telefonar pra alguém?

V- Não. (inaudível) o meu celular tava no meu bolso e ele começou a acabar a bateria, que da aquele sinal de acabar a bateria, ele pediu o meu celular e guardou no bolso dele. E então daí depois ele fez aquelas chamadas pro amigo dele.

D- Pelo seu celular?

V- É. Só que eu não ouvi nada, porque eu tava gritando por socorro né. Deve ter ligado assim que ele saiu da minha casa, não sei...

D- Qual é o número do seu celular?

V- 99738340.

D- Era esse o número do celular que você tinha?

V- Sim.

D- Você se importaria de eventualmente... se bem que eu acho que não é necessário... partaria dela o telefonema. Do telefone dela para o telefone do comparsa.

D- (inaudível) pro telefone dela.

V- Ele ligou no meu celular. A gente até foi na Polícia aqui, tinha as chamadas que ele fez.

D- A senhora se importaria em abrir o sigilo telefônico do seu telefone?

V- Já está aberto. Foram feitas duas chamadas. Uma chamada pra aquele amigo dele...

D- Que horário mais ou menos?

V- Não lembro disso.

D- Foi logo depois então?



V- O horário eu não sei, mas ele tem lá na Polícia, que ele tem... é da VIVO aqui.

D- Nada mais.

J- Pela defesa do Jacson.

D- Ela comentou que na hora ela achava que ele tivesse alterado ou drogado. O quê que ela pode dizer quanto a isso?

V- Primeiro lugar ele tava bem calmo assim, meio chapado assim, bem "rilex". Quando eu falava alguma coisa, nesse momento ele se exaltava, mas se não em momento nenhum. Ele tava caminhando pra um lado, pro outro. Eu não sei, eu conheço pessoas assim e ele tava bem fora do ar. Não sei exatamente como eu posso explicar isso, mas eu conheço, então eu sei.

D- Você acha que ele estaria drogado?

V- Sim.

D- Só pra esclarecer quanto a um (inaudível) que foi colocado antes, quanto a conhecer o teu pai ou não, que foi colocado, que talvez seria pessoa de fora. Mas poderia ser pessoa daqui ou de fora que talvez tivesse ouvido teu pai ou não. Isso que você quis dizer?

V- Não. Meu pai é vereador, então eu acho que ele é uma pessoa conhecida. Pessoalmente eu acho que ele não deve conhecer o meu pai, mas de vista sim. Que ele ta sempre no jornal também, no Informativo tem o nome dele.

D- Nada mais.

J- Vamos passar então ao reconhecimento.

Sala de reconhecimento:

J- Realizado o reconhecimento, com a identificação prévia, de número 6 Israel de Oliveira Pacheco, número 7 Jacson Luis da Silva, número 8 Jamir Tadeu dos Santos. A senhora afirma que é quem?

V- O número 6.

J- Com certeza?

V- Sim.

J- Os outros a senhora nunca viu?

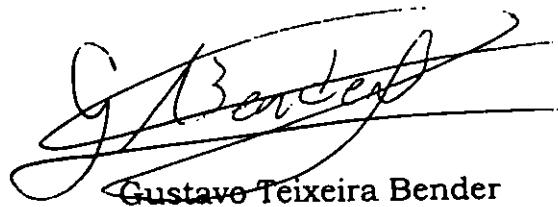
V- Não.

J- Nenhuma pergunta a mais?

J- Nada mais.

Nada mais havendo a ser transcreto, eu, Gustavo Teixeira Bender, Estagiário do TJRS, exercendo a função de degravador da Primeira Vara Criminal da Comarca de Lajeado, encerro o presente termo e certifico que é a reprodução fiel dos depoimentos colhidos fonograficamente.

Lajeado, RS, 11 de agosto de 2008



Gustavo Teixeira Bender

Degravador



22